

BIBLIOTECAS INVISÍVEIS NA ILHA DAS BRUXAS: UM MAPEAMENTO DE BIBLIOTECAS PESSOAIS, PRIVADAS OU PARTICULARES EXISTENTES EM FLORIANÓPOLIS (SC)

■ DEBORA ZAMBAN

<https://orcid.org/0000-0003-2201-8159>

Universidade do Estado de Santa Catarina

■ GISELA EGGERT-STEINDEL

<https://orcid.org/0000-0001-8686-0471>

Universidade do Estado de Santa Catarina

RESUMO

Neste artigo, temos como objetivo dar visibilidade às bibliotecas de pessoas que constituíram sua coleção de livros ao longo da sua vida por interesse e necessidades variadas. O estudo está ancorado na História Cultural, possibilitando nessa vertente conhecer e descrever por meio da fonte internet aspectos relativos ao proprietário(a), à coleção e à localização geográfica dessa biblioteca. Concluímos que essas bibliotecas remontam memória(s) pessoais que, para além da preservação da memória do idealizador(a), há uma consonância entre a memória individual e a memória coletiva desse lugar quando da constituição desses espaços de escrita e leitura e que de certo modo podem, elas, contar uma parte da história da circulação do livro e da constituição de bibliotecas desse tipo em Florianópolis.

Palavras-chave: História do Livro. Bibliotecas Pessoais – Santa Catarina. Bibliotecas Privadas – Leitura e estudo. Bibliotecas Particulares – Florianópolis. Grande Florianópolis – Bibliotecas.

ABSTRACT

**INVISIBLE LIBRARIES ON ILHA DAS BRUXAS: A
MAPPING OF PERSONAL, PRIVATE OR PRIVATE
LIBRARIES IN FLORIANÓPOLIS (SC) AND
NEIGHBORHOODS**

In this article we aim to give visibility to the libraries of people who have constituted his collection of books throughout his life for different interests and needs. The study is anchored in Cultural His-

tory, making it possible to know and describe, through the internet source, aspects related to the owner, the collection and geographical location of this library. We conclude that these libraries go back to personal memory that, in addition to preserving the creator's memory, there is a consonance between the individual memory and the collective memory of that place when the constitution of these spaces for writing and reading and that in a way they can tell a part of the history of book circulation and the establishment of such libraries in Florianópolis.

Keywords: History of the Book. Personal Libraries – Santa Catarina (BR). Private Libraries – Reading and study. Private Libraries – Florianópolis (BR).

RESUMEN

BIBLIOTECAS INVISIBLES EN ILHA DAS BRUXAS: UN MAPEO DE BIBLIOTECAS PERSONALES, PRIVADAS O PRIVADAS EN FLORIANÓPOLIS (SC)

En este artículo pretendemos dar visibilidad a las bibliotecas de personas que han constituido su colección de libros a lo largo de su vida por intereses y variaciones de necesidades. El estudio está anclado en la Historia Cultural, lo que permite conocer y describir, a través de la fuente de Internet relacionada con el propietario, el fondo y la ubicación geográfica de esta biblioteca. Concluimos que estas bibliotecas se remontan a la (s) memoria (s) personal (es) que, además de preservar la memoria del creador, existe una consonancia entre la memoria individual y la memoria colectiva de ese lugar a la hora de conformar espacios de escritura y lectura y que para que puedan contar una parte de la historia de la circulación de libros y la constitución de bibliotecas de este tipo en Florianópolis.

Palabras clave: Historia del Libro. Bibliotecas Personales – Santa Catarina. Bibliotecas privadas – Lectura y estudio. Bibliotecas Privadas – Florianópolis. Grande Florianópolis – Bibliotecas.

Palavras iniciais

Este artigo discute a biblioteca particular como uma instituição pessoal, onde esse recorte é entendido como uma parte da história do livro. Robert Darnton (1990), historiador, em seu livro *O beijo de Lamourette: mídia cultura e revolução*, propõe pensar um modelo para compreender a história do livro no Ocidente e denomina esse modelo como “O circuito

das comunicações”. Trata-se de um modelo em que o autor é figura primeira e o leitor é a figura de ponta no processo de produção e circulação de ideias, por meio do livro. O autor diz que são vários os intermediários nesse circuito de comunicação na efetivação do processo de produção e circulação do livro moderno, a saber: o editor, a indústria de papel,

os distribuidores, os livreiros, as bibliotecas, os clubes de leitura etc. (DARNTON, 1990). A biblioteca particular, tema desta discussão, é um espaço intermediário no modelo pensado por Robert Darnton e vai muito além do armazenamento acumulativo de livros, periódicos ou multimeios, ela conta uma história ou histórias do seu(sua) proprietário(a) e, também, faz história. Assim, “[...] os livros não se limitam a relatar a história: eles a fazem” (DARNTON, 1990, p. 131).

Esses espaços podem ser idealizados e projetados, ou, ainda, podem, simplesmente, ser constituídos aos poucos, no tempo de uma vida. Na esteira do argumento de Darnton (1990), é válido ressaltar que as coleções privadas refletem a personalidade, as pesquisas e o gosto de quem, durante uma vida, teve cuidado de selecionar e adquirir, organizar e cultivar um espaço meticulosamente arranjado para dessa coleção estudar, pesquisar – “ganhar seu pão” (expressão bíblica) – e, talvez, preservar sua memória, intensionalmente ou não.

Uma biblioteca particular esboça, em muitas vezes, um testemunho das impressões e preferências do seu idealizador em seus diversos momentos da vida, impactando nas etapas do seu percurso pessoal e profissional. Nesse sentido, a constituição de um acervo reflete nas dimensões prática, poética e política da vida de quem constrói o acervo. Dessa forma, a constituição de uma biblioteca vai além de armazenar pilhas de livros em uma sequência predefinida. Esse espaço carrega inúmeros significados a depender do seu criador, de sua idealização e sua finalidade. A história por trás da constituição desses espaços é objeto de estudo de diferentes campos, como História, Biblioteconomia, Ciência da Informação, Arquivologia, Educação, entre outras, pois uma biblioteca é sempre interdisciplinar.

Cada obra incorporada ao acervo é, também, a construção do “eu” particular desse es-

paço: uma forma de refúgio ao mundo exterior, um universo único envolto pela mística do que não se pode ver ou tocar, ou mesmo a oportunidade de redesenhar o (des)conhecido. Cada biblioteca particular é única e flui por entre as paredes repletas de livros, documentos, vídeos, fotografias, recortes de jornal, escrituras, sonhos e lembranças. Assim, bibliotecas, mais especificamente as bibliotecas particulares, podem ser pensadas como templos construídos com dedicação, seleção e investimento, por vezes, ao longo de vidas inteiras.

É dessa forma que a biblioteca particular se distingue de qualquer “biblioteca coletiva em sua própria estrutura”, pois, segundo Moles (1978, p. 51), “ela é orientada inteiramente por aquele que a construiu como um prolongamento de si mesmo, uma extensão de sua pessoa intelectual”.

A sua composição não está meramente ao acaso, ela advém de gostos, desejos, inquietações, necessidades:

Os livros cuidadosamente reunidos por meio de uma lenta seleção (muitos intelectuais compram um livro depois de tê-lo lido ao invés de comprá-lo antes, com o objetivo de integrá-lo, mediante esse ato, tanto simbólico quanto sacrificial, na textura de seu pensamento), os livros que releu - pois o objetivo confesso não é a coleção prestigiosa, mas a incorporação por elementos em sua própria cultura - aqueles que julgou dignos de subsistir através dos anos, todos esses tijolos de saber perderam sua característica inicial de media, ainda que naturalmente sejam impressos às centenas ou milhares de exemplares, porém sempre de difícil acesso no mercado diversificado da cultura. Se cada elemento da estrutura é banal e se acha presente teoricamente no Grande Mercado da Cultura, o conjunto é profundamente original, cada elemento está ligado um com o outro por meio de relações sutis que constituem um contexto para cada um, cada um tornou-se uma extensão pessoal do ser em lugar de ser um dos elementos da ‘difusão’ (?) de conhecimentos. (MOLES, 1978, p. 51)

Como dito inicialmente, o tema aqui é a biblioteca privada, e a ideia é, especificamente, mapear, contextualizar, divulgar e, possivelmente, preservar o que o idealizador tem ou deixou como legado material por meio de sua biblioteca. Dito de outro modo, o objetivo é preservar a memória material e a memória imaterial coletiva, como um mapeamento das bibliotecas particulares da cidade de Florianópolis, atentando para a criação, estado de conservação atual, se estão abertas ao público e quem as mantém. Para tanto, o levantamento no tocante a essas instituições foi realizado por meio da internet e, quando possível, foram realizadas visitas in loco. Partimos do pressuposto de que é relevante conhecer e dar a conhecer esse patrimônio bibliográfico do nosso local, a cidade de Florianópolis (SC). Acreditamos que para além da preservação da memória do(a) idealizador(a), há uma consonância entre a memória individual e a memória coletiva das bibliotecas particulares, e porque acreditamos que elas também contam uma parte da história de sua constituição enquanto espaços de escrita e leitura.

Bibliotecas e acervos pessoais

Independente do seu tamanho, as bibliotecas particulares não são formadas a partir de uma coletânea de objetos caducos ou sem significado, pelo contrário, Moles (1978, p. 40) ilustra que a biblioteca particular que começa:

[...] no bolso daquele artífice que comprou o Manual Dunod para bombeiros hidráulicos e vela ritualmente em sua presença quando parte em expedição profissional, ou no dicionário do serão familiar, completado por um atlas e enfeitado por um livro de figuras ou uma edição do Robinson Crusoe.

Dessa forma, o autor traz a biblioteca como coleção, “mas antes de tudo veneração de um instrumento e construção progressiva

desse instrumento por acumulação”, reforçando, ainda, que “todo intelectual possui uma biblioteca” e que os “acervos pessoais, em seu alcance cronológico, abrangem a produção da vida de quem o constituiu, ou seja, é o conjunto resultante da atividade profissional, cultural e pessoal que determinado indivíduo deixa como legado” (MOLES, 1978, p. 40, grifo do autor). Penna e Graebin (2010), acerca da construção dos acervos pessoais, reforçam que esses conjuntos não ultrapassam a vida do indivíduo que os constituiu. Vidal (2007, p. 6) reafirma que o entendimento acerca dos acervos pessoais, em definição, é “o conjunto dos documentos produzidos ou/e pertencentes a uma pessoa, um indivíduo, resultados de uma atividade profissional ou cultural específica”. A distinção entre os acervos pessoais dos arquivos privados, segundo o mesmo autor, é “que podem relevar uma instituição, e, também, dos acervos familiares, que supõem, geralmente, uma transmissão entre várias gerações”.

Com suas especificidades, as bibliotecas particulares contam a história, ou, ao menos, parte da história, de quem a idealizou. Não raro, observa-se que as bibliotecas particulares possuem traços de inúmeros aspectos das jornadas vividas e das possibilidades das jornadas não vividas também. O que infere que, para quem cria uma biblioteca, é impossível seguir apenas uma estrada ou viver apenas uma vida: nessas jornadas, pautadas no fictício ou na realidade, a construção de um acervo é uma das verdadeiras formas de transpor fronteiras, de navegar mares distantes e de imprimir seu “eu”.

De acordo com Leiniz (2017, p. 10), o ser humano possui inúmeras motivações para criar coleções, arquivar memórias, ou mesmo guardar objetos, sendo que:

Acumular livros e formar bibliotecas particulares é um deles. Uma pessoa pode formar

um acervo pela necessidade de dar suporte à atividade que desempenha assim como pode formar uma biblioteca apenas de fruição, de literatura ou arte, por exemplo. Esta biblioteca pode auxiliar o desempenho de uma atividade de trabalho ou ser um local de recolhimento. Estes acervos bibliográficos privados representam parte da vida de seus proprietários, pois as escolhas das obras mostram suas preferências, a construção de seu pensamento e através destes conteúdos, uma parte da maneira como interagiu com o mundo.

De certa forma, montar uma biblioteca particular é como escrever um diário, assim como o ato de guardar papéis é uma forma de imprimir uma autobiografia. Nesse sentido, Artières (1998, p. 20) ressalta que outro fragmento para a criação de acervos particulares é a sua intenção autobiográfica: “arquivar a própria vida é querer testemunhar”. O autor ressalta, ainda, que arquivar a própria vida não é uma prática neutra, muito pelo contrário, é desenhar como cada indivíduo é visto e como desejaria de ser visto, simbolicamente, é a preparação do processo individual: é “reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo” (ARTIÈRES, 1998, p. 23).

Bibliotecas particulares em Florianópolis: um mapeamento

Nesta seção, arrolamos as bibliotecas que neste estudo qualificamos como pessoais, particulares ou privadas. Partimos do pressuposto de que a sua constituição foi efetuada pelos seus proprietários, homens ou mulheres, a partir de necessidade laboral ou pelo simples prazer de comprar e ter a posse de livros para sua leitura a gosto do seu gênero literário. Identificamos na internet, para este estudo, sete bibliotecas e as apresentaremos pensando cartografica-

mente no espaço geográfico da cidade de Florianópolis e suas vizinhas.

Assim, iniciamos nosso percurso no bairro continental Balneário, localizado na cidade de Florianópolis; seguimos para a Ilha, direcionando-nos para o bairro Rio Tavares, localizado ao sul. Posteriormente, dirigimo-nos à região Central, percorrendo também o bairro Agrônômica, e, por último, em um longo salto, fomos à parte Norte, no Bairro Jurerê Internacional.

Biblioteca Iaponan Soares – Região Continental – bairro Balneário

Iaponan nasceu em 26 de novembro de 1936, na cidade de São Vicente, no Rio Grande do Norte. Ainda jovem, mudou-se para Santa Catarina. Foi pedagogo, historiador, autor de diversos livros, presidiu a Fundação Catarinense de Cultura e ocupou a cadeira 36 da Academia Catarinense de Letras, além de ter atuado como diretor-geral do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina (NSC, 2012).

Autor de diversas obras de literatura sobre o estado de Santa Catarina, destaca-se títulos como: *Ernani Rosas* (1968), *Panorama do Conto Catarinense* – que teve duas edições, uma em 1971 e outra em 1974 –, *Três narrativas da insônia* (1977), *Vamos conhecer Biguaçu* (1985), *Santo Antônio de Lisboa* (1990), *Estreito: vida e memória* (1991), *Ao redor de Cruz e Sousa* (1998), entre outros.

Em entrevista à Nossa Santa Catarina (NSC) (2012), sua neta Amanda Feijó de Araújo conta que “Ele era um grande admirador de obras de arte e também colecionador”. A biblioteca particular de Iaponan conta com mais de 30 mil obras e dela fazia parte o maior acervo literário do escritor Cruz e Souza no estado.

A biblioteca é anexa à sua casa, na Rua Osvaldo Cruz, nº 635, bairro Balneário – Florianópolis. No entanto, não há até o momento infor-

mações quanto ao horário de funcionamento e contato com os proprietários.

Biblioteca Maurice Bazin – Sul da Ilha – bairro Campeche

Maurice Bazin nasceu na França, em 17 de agosto de 1934, e foi um cientista: físico, matemático, antropólogo, pesquisador, humanista, entre muitos outros campos intelectuais de atuação. Porém, para além disso, Maurice nunca deixou de fora o ideal de tornar o conhecimento científico acessível aos trabalhadores e ao cidadão comum. Já atuando na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), na década de 1980, Maurice implementou uma nova modalidade de popularização da ciência, fazendo exposições itinerantes em praças públicas. Suas obras desse período podem ser encontradas na Revista do Ensino de Física, da Sociedade Brasileira de Física, na Revista Alliage, e também na publicação Comunicações do ISER (EXTRALIBRIS, 2020).

Transitou por várias instituições e países, até se instalar definitivamente, em 1997, no Brasil. Inicialmente, fixa residência no Rio de Janeiro, porém, concomitantemente, inicia a construção da sua residência no bairro Campeche, em Florianópolis. Atuou nessa comunidade entre os anos de 1998 e 2006:

[...] Maurice participou ativamente de todos os movimentos do bairro. Ia muitas vezes às reuniões da Associação dos Pescadores Artesanais do Campeche e nas reuniões dos surfistas onde acompanhou atento as negociações entre surfistas e pescadores na época da pesca. Participou da Associação dos Moradores do Campeche (AMOCAM), ajudou a manter e redigir o jornal do bairro 'Fala Campeche', para o qual entrevistou os membros mais velhos da comunidade para ouvir e escrever suas histórias, com o objetivo de valorizar e manter a cultura local, participou dos mutirões comunitários para a construção do prédio da Rádio Campeche. Lutou ao lado de muitos pela manutenção do Bar do Chico e pela

elaboração e discussão com o IPUF, do Plano Diretor comunitário da Planície do Campeche. (EXTRALIBRIS, 2020, p. 1)

Em 2006, a família se muda para Neuilly, ao lado de Paris. E, em 2007, o casal Martins-Bazin se separa e, ao retornarem ao Brasil, Maurice se muda de volta para o Rio de Janeiro.

Após seu falecimento, em 19 de outubro de 2009, sua biblioteca ficou guardada no Rio de Janeiro. Porém, com a ideia de pôr esse acervo em circulação, sua filha Sarah, em 2017, embalou sua biblioteca e a encaminhou para Florianópolis. A ideia inicial era encaminhar esse acervo para a Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o que não foi viável, tendo em vista que o acervo seria pulverizado na biblioteca, perdendo sua característica (MARTINS, 2018).

Dessa forma, com ajuda de voluntários, iniciou-se a movimentação de criação da biblioteca na mesma casa onde Maurice morou no Campeche. A biblioteca terá *site*, em que será disponibilizado o acervo *on-line*, e a ideia é abrir ao público uma vez por semana para consulta ao acervo e possivelmente empréstimo domiciliar (MARTINS, 2018).

Hoje, a biblioteca é mantida pela família, com ajuda de voluntários. É aberta ao público e está localizada na Rua Pau de Canela, nº 1101, Campeche.

Biblioteca Norberto Ungaretti – Região Central – bairro Centro

A família de Norberto Ungaretti, em 2016, um ano após o falecimento do professor Ungaretti, fez a doação das obras que compunham o acervo pessoal da biblioteca de Ungaretti para o escritório Cavallazzi, Andrey, Restanho e Araújo. Esse trâmite se deu devido à proximidade dos sócios do escritório, que foram alunos e por muito tempo trabalharam em parceria com Ungaretti.

É destaque a grande paixão de Ungaretti pela leitura. Os livros atapetavam, cobriam a mesa de trabalho em seu escritório e em sua casa. A sua biblioteca-escritório foi montada para atender a suas curiosidades, aprofundar seus estudos, realizar suas pesquisas. Teve em suas raízes o privilégio do hábito cotidiano da leitura e do estudo.

Em termos operacionais, em um primeiro momento, houve a seleção das obras para a higienização e/ou restauração. Os assuntos que cobriam as estantes de livros permeavam o Direito, que era a temática central da coleção, enfatizando direito civil, principal atuação de Ungaretti na Academia, história catarinense, história militar, história mundial e literatura também apareciam muito na coleção.

Após a higienização e prévia separação dos materiais, seria momento de decidir como essa coleção iria incorporar o acervo já cadastrado no escritório. Nesse momento, a decisão foi locar uma sala e projetar a construção da biblioteca. O cadastro ainda será realizado com procedimentos e sistema já utilizados no acervo do escritório, porém haverá a sinalização das obras provenientes do arquivo do desembargador Ungaretti. O status atual da coleção é a preparação para o processamento técnico das obras, sendo que essas já estão em circulação na biblioteca.

Dessa forma, após adotados os procedimentos iniciais para a incorporação da coleção particular de Ungaretti ao acervo do escritório, surgiu a inquietação de melhor compreender a constituição dessa biblioteca herdada, alicerçada na trajetória profissional e pessoal de Norberto Ungaretti.

A estrutura foi montada a fim de contemplar a biblioteca, que também pode ser utilizada como sala para estudos, reuniões e conferências. O projeto foi cuidadosamente desenhado para que a biblioteca fosse vista de vários ângulos por quem estivesse usando a

sala, passando a impressão do usuário estar sendo abraçado pelos livros. É nesse sentido que a estrutura física da biblioteca é elemento que merece apreciação.

A biblioteca é aberta ao público mediante agendamento e está localizada em um anexo do Escritório Cavallazzi, Andrey, Restanho e Araújo, na Avenida Rio Branco, nº 380, Centro.

A Biblioteca Professor Osni Régis – Região Central – bairro Centro

A biblioteca tem origem no acervo pessoal do ex-prefeito de Lages, deputado estadual e federal e professor universitário, Osni Régis (1917-1991), que foi acumulando livros desde a adolescência: “A biblioteca reflete a trajetória dele”, diz a filha Isabel Régis (PASTERNAK, 2011, p. 1).

Está localizada no Centro de Florianópolis e conta com um acervo de mais de 15 mil obras que perpassam por clássicos da literatura, livros de Direito, História, Psicologia, Geografia, Educação, Filosofia, Sociologia, entre outros. Construiu, em 1972, um anexo à casa, na Avenida Mauro Ramos, com cerca de 200 metros quadrados e com quase sete metros de pé direito, onde dispôs os livros, que hoje alcançam mais de 15 mil volumes. Conforme conta Isabel, “Ele assistiu ‘My Fair Lady’ e viu no filme a solução para sua biblioteca, que era o sistema de mezzanino” (PASTERNAK, 2011, p. 1).

Após o falecimento do Osni Régis, em 1991, aos 73 anos, e posteriormente o de sua esposa, em 2004, os livros ficaram sob os cuidados de uma fundação, criada pelos filhos em 1998, que busca preservar o acervo, construído durante a vida de Régis e Maria Helena, no local original.

A Biblioteca Professor Osni Régis é dedicada à consulta local. O acervo está todo catalogado, iniciativa realizada entre 1998 e 2000, com a ajuda da Fundação José Boiteux. A ideia, agora, é levar esse catálogo para a internet,

para incentivar o público à visita – que por incrível que pareça é rara, mesmo diante da beleza do lugar e da qualidade do conteúdo disponibilizado (PASTERNAK, 2011, p. 1).

A biblioteca é aberta para visita, pesquisa e leitura e está localizada na Av. Mauro Ramos, nº 1344, Centro.

A Biblioteca Cleber Teixeira – Região Central – bairro Agrônômica

O poeta, tipógrafo e editor Cleber Teixeira nasceu em 20 de setembro de 1938 em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Ainda nesse estado, frequentou a Escola de Belas Artes, onde estudou Letras. Dedicou-se às atividades profissionais, poesia e à criação da Editora Noa Noa. Em 1977, mudou-se para Florianópolis, onde produziu manualmente seu primeiro livro, dedicando-se integralmente, a partir daí, à Noa Noa. Teixeira faleceu em 2013 e, em 20 de setembro de 2018, estaria completando 80 anos.

A constituição da sua biblioteca se deu ao longo dos anos, chegando a 8 mil volumes, com temáticas que giravam em torno de Artes Visuais, Tipografia, Poesia, livros sobre livros e Literatura, espaço esse utilizado por estudantes e pesquisadores. Hoje, a biblioteca encontra-se em fase de estruturação tanto quanto ao espaço físico como à catalogação de seu acervo (NOA NOA, 2020).

O projeto conta com o apoio de professores e estudantes-estagiários dos cursos de Biblioteconomia e Arquivologia da UFSC. A disponibilização desse acervo para consulta de pesquisadores, estudantes e amantes da leitura, desejo manifestado por Cleber em textos e entrevistas, espera-se que possa ser viabilizada em futuro próximo (NOA NOA, 2020).

A biblioteca está anexa à editora, localizada na Rua Visconde de Taunay, nº 139 – bairro Agrônômica.

Biblioteca Eglê e Salim Miguel – Região Central – bairro Centro

Eglê Malheiros nasceu em Tubarão, 1928, foi professora, poetisa, escritora e tradutora. Primeira mulher graduada pela Faculdade de Direito de Santa Catarina, no início dos anos 1950. Salim Miguel nasceu no Líbano, em 1924, foi escritor, jornalista, crítico literário e agente cultural. Eglê Malheiros e Salim Miguel casaram em 1952, mas seus projetos e ações literárias e culturais já aconteciam desde meados da década de 1940. Ambos contribuem, com os demais integrantes do Grupo Sul (Círculo de Arte Moderna de Santa Catarina), a dinamizar a vida cultural catarinense entre 1947 e 1958, inovando na Literatura, no Cinema, no Teatro e nas Artes Plásticas e estabelecendo uma rede de contatos em vários países (FAED, 2020).

Juntos, escrevem o roteiro do primeiro longa-metragem catarinense de ficção, “O preço da ilusão” em 1958. Após o golpe militar de 1964, Eglê e Salim são afastados de seus cargos no serviço público estadual e mudam-se com os filhos para o Rio de Janeiro. Retornam a Florianópolis em 1979, onde atuaram em diferentes instâncias colaborando de modo decisivo com a vida cultural catarinense (FAED, 2020).

O Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel foi inaugurado em 28 de novembro de 2013, disponibiliza para consulta, estudo e pesquisa o acervo pessoal do casal, que é composto por cerca de 9.300 livros, 267 títulos de revistas, documentos e objetos pessoais (máquina de escrever, medalhas, placas, certificados entre outros). Os títulos permeiam áreas de Letras, Literatura, Cinema e História brasileira e catarinense.

O acervo foi doado para o Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas (IDCH), que tem por objetivo ser um centro de documentação destinado a “desenvolver

pesquisas, receber, tratar, armazenar acervos e documentos em diversos suportes, estimulando a produção, socialização e estruturação de conhecimento gerado na área de Ciências Humanas pela comunidade científica da FAED e pela comunidade externa” (FAED, 2013, p. 1).

Biblioteca Elida de Freitas e Castro Druck – Região Norte – bairro Jurerê Internacional

Elida de Freitas e Castro Druck foi professora, escritora e poetisa, com várias obras publicadas. A biblioteca nasceu do sonho de Elida e Clio Druck, pais do fundador do Grupo Habitasul, Péricles de Freitas Druck. O acervo do casal contava com 9 mil exemplares, sendo 5 mil títulos voltados à ciência jurídica.

Segundo o *site* do grupo, a constituição da biblioteca volta-se para a ideia de tornar público e de livre acesso um acervo particular:

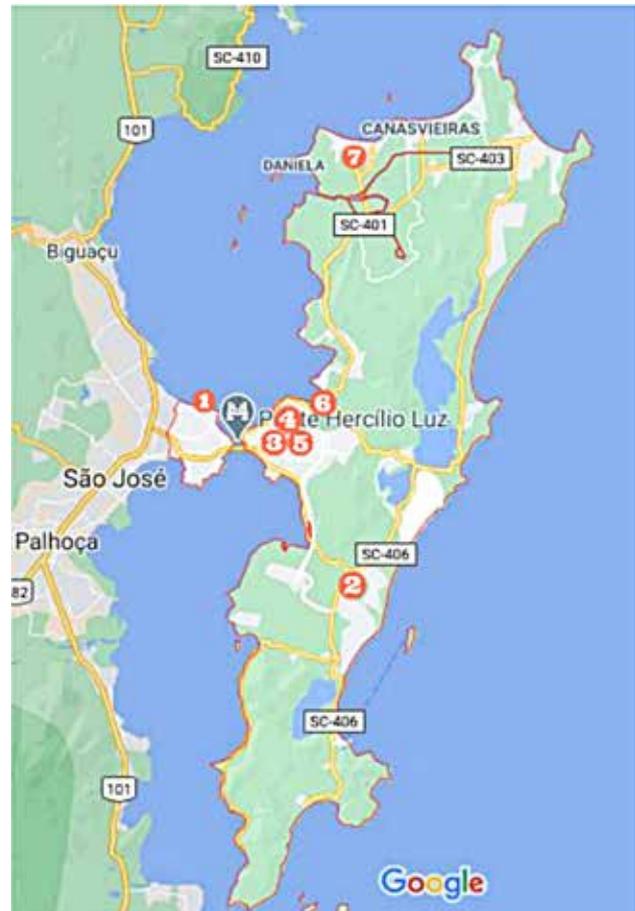
Sabedores do importante papel fomentador da leitura para a construção de cultura e favorecimento da cidadania, respaldados pelos ditames do Manifesto da UNESCO, o qual traz a biblioteca pública como porta de entrada para o conhecimento, em 2008 inaugurou a Biblioteca Elida de Freitas e Castro Druck para fomento da cultura, educação e desenvolvimento humano por meio do estímulo à leitura. Em 2010 inaugurou a Biblioteca Clio Fiori Druck. (HABITASUL, 2020, p. 1)

A biblioteca, que é localizada em Jurerê Internacional, é uma das filiais em Santa Catarina, a outra está localizada em Joaçaba, além da Sede, na matriz do Grupo, em Porto Alegre. O projeto conta, ainda, com a Biblioteca Itinerante, que leva, uma vez por mês, obras para os profissionais de empresas do Grupo localizadas em diferentes regiões (HABITASUL, 2020). Seu endereço é localizado na Av. das Raias, nº 400 – Jurerê, Florianópolis (SC), CEP: 88053-400.

Um itinerário de bibliotecas particulares

O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009, p. 1118) define a palavra “itinerário” como adjetivo “Relativo às estradas, aos caminhos [e] Indicativo da distância de um lugar a outro. O verbete ainda assinala que trata-se de uma descrição de viagem (... exploração, perigrinação) [...]”. Nessa direção, propomos um roteiro como forma de conhecer esse tipo de biblioteca e a cidade de Florianópolis, com sete pontos de parada que podem ser observados na imagem de mapa que segue, e, também, acessível pelo link¹, acessado diretamente no aplicativo Google Maps.

Figura 1 – Mapa do Itinerário



Fonte: elaborado pelas autoras (2020).

¹ Link para o acesso à navegação do mapa: <https://google.com/maps/yeHX6Pu5Z6SDQtTw9>.

1. Iaponan Soares – Rua Osvaldo Cruz, nº 635, bairro Balneário – Florianópolis
Horário de atendimento: sem dados.
Contato: sem dados.
2. Biblioteca Maurice Bazin – Rua Pau de Canela, nº 1101, Rio Tavares – Florianópolis.
Horário de atendimento: mediante agendamento.
Contato: (48) 99135-1121.
3. Biblioteca Norberto Ungaretti – Av. Rio Branco, nº 380, sala 1007, Centro – Florianópolis.
Horário de atendimento: mediante agendamento.
Contato para agendamento: roberta.boris@advempresarial.com.br.
4. Biblioteca Prof. Osni Régis – Av. Mauro Ramos, nº 1344, Centro – Florianópolis
Horário de atendimento: das 14h às 18h com agendamento.
Contato: (48) 3223-4833.
5. Espaço Eglê Malheiros e Salim Miguel, Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas (IDCH) – Rua Visconde de Ouro Preto, nº 457, Centro – Florianópolis.
Horário de atendimento: 8h às 12h e 14h às 18h com agendamento para visitas e pesquisas.
Contato: (48) 3664-8562.
6. Biblioteca Cleber Teixeira – Rua Visconde de Taunay, nº 139, Agrônômica – Florianópolis.
Horário de atendimento: em razão da pandemia, não há agendamento.
Contato: sem dados.

7. Biblioteca Elida de Freitas e Castro Druck – Av. das Raias, nº 400 – Jurerê – Florianópolis.
Horário de atendimento: mediante agendamento.
Contato: contatos@habitasul.com.br.

O mapeamento e a proposição de um itinerário nos permitem apontar nossas reflexões finais como segue.

Algumas últimas impressões do itinerário bibliotecal

Inspiradas no título “Biblioteca Osni Régis é um oásis literário no Centro da Capital” (PASTERNAK, 2011), convidamos o leitor a conhecer esses Oásis bibliográficos em Florianópolis, quer como pesquisador nos diferentes campos do conhecimento ou como turista interessado em usufruir das belezas naturais e/ou diferentes patrimônios materiais e imateriais desse lugar. Nessa clave, queremos sublinhar aos leitores e leitoras que utilizamos a expressão bibliotecal no sentido de que não há biblioteca sem livros, então estamos propondo um caminho bibliotecal.

Nossa últimas impressões assumem duas vertentes, uma primeira, na visão da preservação do patrimônio bibliográfico cultural que os mantenedores dessas coleções constituíram a partir de seus perfis e necessidades profissionais ou formaram essas coleções pela paixão e amor ao livro. A outra vertente que aqui tomamos diz respeito ao fato de que ao dar visibilidade a essas bibliotecas por meio desse itinerário, tal atitude vem ao encontro de compor mais um atrativo turístico à cidade de Florianópolis. Torna-se um atrativo do patrimônio cultural alinhado a outros equipamentos culturais da capital catarinense que nos parece constituir um importante quesito na ambição dos gestores locais em construir e

conquistar o status de cidade inteligente do estado.

Dito de outro modo, dirigir-se a cada um desses lugares do mapa da cidade possibilita conhecer diferentes paisagens. Adentrar em cada um desses espaços de saberes possibilitará travar conversas com seus proprietários ou responsáveis para conhecer muito mais o cotidiano da cidade, conferir histórias dessas bibliotecas, o que, por fim, significa ouvir histórias do seu proprietário e uma parte da história coletiva dessa cidade capital.

Referências

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. Revista Estudos Históricos. Dossiê Acervos Pessoais. **FGV**. v. 11, n. 2, p. 9-33, 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>. Acesso em: 11 maio 2021.

DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo : Cia das Letras, 1990.

DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro : Objetiva, 2009.

EXTRALIBRIS. **Apresentação Maurice Bazin**. 2020. Disponível em: <https://extralibris.org/mauricebazin/>. Acesso em: 1º set. 2020.

FAED – Centro de Ciências humanas e da Educação. Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel. **IDCH**. 2013. Disponível em: <http://www.faed.udesc.br/?id=1095>. Acesso em: 22 jun. 2018.

FAED – Centro de Ciências humanas e da Educação. **Eglê Malheiros e Salim Miguel**. 2020. Disponível em: http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1093/textocasalfinal.pdf5. Acesso em: 22 set. 2020.

HABITASUL. **Bibliotecas**. 2020. Disponível em: <http://www.habitasul.com.br/meio-ambiente-e-sociedade/bibliotecas/>. Acesso em: 1º set. 2020.

LEIPNITZ, Fernando. **Política de avaliação e seleção de doações em acervos particulares a serem**

incorporados às Bibliotecas da Universidade Federal de Santa Maria, RS. 2017. 202 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/11883/Leipnitz%2C%20Fernando.pdf?sequencia=1&isAllowed=y>. Acesso em: 5 abr. 2018.

MARTINS, Enedina. Inauguração da Biblioteca Maurice Bazin. **Youtube**. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=g2V3QF-iy7Q&ab_channel=R%C3%A1dioCampeche. Acesso em: 1º set. 2020.

MOLES, Abraham A. Biblioteca pessoal, biblioteca universal. **R. Bibliotecon**. Brasília, Brasília, DF, v. 6, n. 1, p. 39-52, jan./jun. 1978.

NOA NOA [**Site institucional**]. 2020. Disponível em <http://www.editoranoanoa.com.br/biblioteca/>. Acesso em: 1º set. 2020.

NSC. Ícone da cultura catarinense, escritor Iaponan Soares é velado em Florianópolis. **NSC total**. 2012. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/home>. Acesso em: 1º set. 2020.

PASTERNAK, Dariene. Biblioteca Osni Régis é um oásis literário no Centro da Capital. **ND mais**. 2011. Disponível em: <https://ndmais.com.br/direitos/biblioteca-osni-regis-e-um-oasis-literario-no-centro-da-capital/>. Acesso em: 1º set. 2020.

PENNA, Rejane; GRAEBIN, Cleusa Maria. Acervos Privados: Indivíduo, Sociedade e História. **Seculum - Revista de História**, 23, João Pessoa, p. 123-133, jul./ dez., 2010. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/download/11524/6621>. Acesso em: 22 abr. 2019.

VIDAL, Laurent. Acervos Pessoais e Memória Coletiva: Alguns Elementos de Reflexão. **Patrimônio e Memória**, UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n. 1, 2007. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/1>. Acesso em: 11 maio 2021.

Recebido em: 14/10/2020

Aprovado em: 01/03/2021

Debora Zamban é mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), na linha de pesquisa de História e Historiografia da Educação. Graduada em Biblioteconomia com habilitação em Gestão da Informação pela Udesc. É bibliotecária no Escritório Cavallazzi, Andrey, Restanho & Araujo Advocacia empresarial. E-mail: de.zamban@gmail.com

Gisela Eggert-Steindel é doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo (USP). Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação e no Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação ambos na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Integra o Grupo de Pesquisa Cultura Impressa e Digital (GP Ci-Di) da Udesc. Estuda e pesquisa História do livro especialmente a história da biblioteca pública e escolar, sociedades literárias, livrarias e editoras sob o olhar da História cultural. E-mail: gisela.steindel@udesc.br ou f9giza@gmail.com